

REFORMATA

Ano I – Dezembro 2019 – nº 03 – bit.ly/reformata



A Bíblia (Trecho da Confissão de fé de 1967)



A única revelação suficiente de Deus é Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada, para o qual o Espírito Santo sustenta singular e confiável testemunho através das Santas Escrituras, que são recebidas e obedecidas como a palavra escrita de Deus. As Escrituras não são um testemunho entre outras, mas o testemunho sem paralelo. A igreja recebeu os livros do Velho e do Novo Testamentos como testemunho profético e apostólico no qual ela ouve a palavra de Deus e pelo qual sua fé e obediência são alimentadas e reguladas.

O Novo Testamento é o registro do testemunho dos apóstolos sobre a vinda do Messias, Jesus de Nazaré, sobre o envio do Espírito Santo à Igreja. O Velho Testamento dá testemunho da fidelidade de Deus em sua aliança com Israel e aponta o caminho para o cumprimento de seu propósito em Cristo. O Velho Testamento é indispensável para a compreensão do novo e, em si mesmo, sem este, não é plenamente compreendido.

A Bíblia deve ser interpretada à luz do seu testemunho da obra de reconciliadora, que Deus realiza em Cristo. As Escrituras, dadas sob a direção do Espírito Santo, são, contudo, palavras de homens, condicionadas pela linguagem, pelas formas de pensamento e pelos estilos literários dos lugares épocas em que foram escritas. Refletem pontos de vista correntes na época quanto à vida, a História e ao cosmos. A Igreja tem, portanto, a obrigação de aproximar-se das Escrituras com compreensão literária e histórica. Como Deus proferiu sua palavra em diferentes situações culturais, a igreja confia que ele continuará a falar pelas Escrituras num mundo em mudança e em cada forma de cultura humana.

A palavra de Deus é hoje anunciada à igreja se as Escrituras são fielmente pregadas e lidas com atenção e na dependência da iluminação do Espírito Santo e com a disposição de receber a sua verdade e orientação.

LEIA NESTA EDIÇÃO...

Fome de Humanidade

Cláudio da Chaga Soares

A vida comunitária vale a pena?

Reinaldo Olécio Aguiar

PASTORAL: Deus de amor e não um deus de consumidores

Alexandre de Jesus dos Prazeres

Igreja, lar das minorias

Guilherme de Freitas Silva

Bate-papo sobre Igreja e Teologia com o Pastor Simões

O amor dialogal como missão

Lucas Faccio de Oliveira

Editorial

Chegamos ao final do primeiro ano da Revista REFORMATA. A revista surgiu com o objetivo de pensar a Igreja na contemporaneidade, em busca de uma espiritualidade aberta ao diálogo, acolhedora e questionadora. Não a toa escolhemos como tema para esta edição a questão "Igreja ainda vale a pena?" Para além dessa pergunta poderíamos incluir: por que as igrejas tem esvaziado? Qual o sentido da Igreja? O problema é com o modelo da Igreja institucional? Etc... Obviamente são perguntas retóricas que nós não temos a pretensão de responder de forma definitiva, mas provocar reflexões e diálogos a partir da visão dos autores que contribuíram com esta edição.

REFORMATA

Edição, Capa e Diagramação
Guilherme de Freitas Silva

Logo

Felipe Cavalcante da Costa

Contato: reformata@outlook.com

Versão online: bit.ly/reformata

Produção Independente

Petiscos de Espiritualidade

Fome de humanidade

Enquanto estavam ali, chegou o tempo em que ela havia de dar à luz, e teve a seu filho primogênito; envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Lucas 2.6-7



Pensei em uma pergunta introdutória para este texto. Não consegui. Então, passo a narrar. Era noite. Bem notinha. Lá estavam Maria, José e a criança. A criança chorava. Um choro de fome. José e Maria entreolhavam-se. Sabiam que aquela criança era diferente. Ouviram, do próprio Anjo, ser a criança o “Filho de Deus” (Lucas 1.35), Deus mesmo conosco, o Emanuel (Mateus 1.23). A criança faminta chorava ainda mais forte. O que fazer quando o próprio Deus chora? Como responder à interpelação do Deus Menino? Maria pega a criança em seus braços. Tomada por amor e instinto maternos, a acaricia como que tentando relaxá-la. Uma forma de adiar o inevitável. O inevitável? Sim. Então Maria olha para a criança e, como mãe, beija-lhe a face. Logo após, toma um dos seios e o oferece ao Deus Menino. Segundo Rubem Alves, ela deve ter-lhe dito: “Menino, o que tenho isso lhe dou. Eis o meu seio, sugue-o. Eis o meu leite, beba e viva.” Opa! Então, lá no primeiro Natal ocorrido em Belém, a primeira ceia ocorreu de forma invertida? Sabemos, liturgicamente, que na Ceia do Senhor celebramos a nossa fome de Deus. O cristão é chamado a vir à mesa e alimentar-se de Cristo para que, alimentado do Cristo, alimente o mundo. No entanto em Belém, Deus mesmo é que sente fome e sede de humanidade. Ele sente-se necessitado do carinho e cuidado de José e Maria. Desta forma, o Deus Totalmente Outro esvazia-se por amor (Aos Filipenses 2.7), revelando-se o Deus Totalmente no outro e ensinando-nos o caminho da solidariedade. Concluindo, no Natal aprendemos que no Cristo Jesus, nosso Senhor, a salvação do egoísmo e da indiferença é possível. Basta você aceitar essa graça: Deus tem fome de humanidade.

Cláudio da Chaga Soares é teólogo, mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória e pastor da Comunidade Presbiteriana Unida de Vitória.

A vida comunitária vale a pena?

“Pois assim como temos muitos membros em um só corpo, e todos os membros não têm a mesma função, assim nós, sendo muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Rm 12,4-5 - Tradução Brasileira).

Há muito se diz que a igreja está em crise. Desde os embates com o pentecostalismo, que trouxe desafios novos às igrejas reformadas, até o surgimento mais recente dos neopentecostais, com suas práticas mágico-religiosas para satisfazer os desejos dos fiéis/clientes, a igreja está em crise. O contingente cada vez maior de “desigrejados”, pessoas que foram membros ou que frequentavam alguma igreja, que aparece nos censos brasileiros mais recentes, é outro motivo de preocupação.

Entretanto, a proposta deste texto não é analisar esses desafios, o que demandaria um espaço muito mais amplo e uma análise aprofundada. A proposta é, reconhecendo essa realidade que desafia as igrejas reformadas, levantar alguns questionamentos sobre a chamada vida comunitária, a comunhão dos santos (em linguagem teológica).

Serão três questionamentos básicos. O primeiro trata da questão teológica, do fundamento bíblico-teológico da vida comunitária; o segundo discute a conexão entre vida comunitária e o sacerdócio universal dos santos, ideia herdada da Reforma Protestante que não parece ser muito valorizada nas igrejas; o terceiro apresenta algumas soluções práticas que as igrejas têm adotado como resposta a questão. Como se disse no início, são questionamentos que podem ajudar na reflexão, sem, porém, ter a pretensão de apontar soluções definitivas.

Ao pensar sobre o fundamento teológico da vida comunitária, tomamos o texto reproduzido acima, de Romanos 12,4-5. Paulo afirma que somos um só corpo em Cristo, ou seja, estamos integrados na Cabeça que é o Senhor do corpo. Entretanto, afirma também que somos membros uns dos outros. Na prática, os membros de igrejas gostam da ideia de ser parte do corpo de Cristo, de estar ligado à Cabeça. Já não há o mesmo ânimo quando se fala em serem membros uns dos outros! Por que isso ocorre?

Uma leitura atenta do texto nos revela que estamos unidos *individualmente* um ao outro.

Como todo, estamos unidos à Cabeça; individualmente, somos membros uns dos outros. Essa compreensão deveria nos fazer refletir sobre um fato muito importante: estamos unidos à Cabeça *por meio do vínculo que temos com o outro*. Não se pode entender algum tipo de ligação direta com a Cabeça sem passar pela comunhão com os demais membros do corpo. Isso é que é comunhão.

Entender essa relação é fundamental para perceber a participação em Cristo. Participar em Cristo é participar na vida de outras pessoas. É entender, nas palavras de Paulo, que mesmo havendo muitos membros no corpo, e que todos os membros não têm a mesma função, somos um só corpo. Dizendo de outra forma, o individualismo que marca grande parte das igrejas atuais, é contrário ao espírito de participação em Cristo.

Uma expressão muito repetida nas igrejas é a de 1 Coríntios 6,19. Paulo afirma que nosso corpo é templo do Espírito Santo. Interpretada de maneira individualista, essa expressão traz como consequência uma forma de “cada um por si” na vida da igreja. Cada um tem de dar contas do que faz diante de Deus e de como usa o corpo que é templo do Espírito.

Entretanto, esse tipo de leitura é absolutamente contrário ao ensino de Paulo sobre a vida em comunidade. Sozinho, ninguém é templo do Espírito Santo. Sozinho, ninguém é corpo de Cristo. Assim como sozinho, ninguém é igreja!

Na falta de percepção de que somos corpo de Cristo na medida em que estamos ligados aos outros está a raiz de muitas brigas e desavenças, às vezes sem sentido, no seio da igreja. A partir dessa ideia, se não houver a valorização de que somos *individualmente* membros uns dos outros, a igreja corre o risco de ser um aglomerado de pessoas desconexas e individualistas, supostamente servindo a um Deus que espera que sejam um!

Do ponto de vista bíblico-teológico, estamos unidos à Cabeça, que é Cristo, por meio de nossa conexão individual com os outros que fazem parte deste mesmo corpo. Querer estar ligado à Cabeça e não aos outros membros do corpo, não só é impossível como demonstra uma visão individualista que não cabe na compreensão da participação da vida em Cristo.

Entendendo, portanto, a importância da vida comunitária, é preciso apontar para um esquecimento seletivo e perigoso: o do sacerdócio universal dos santos. A herança das ideias da Reforma Protestante trouxe a compreensão de que, uma vez alcançados pelo Evangelho da graça, todos passam a ser sacerdotes. Não há mais necessidade de intermediários, sejam pessoas ou ritos. O acesso a Deus é aberto e irrestrito.

Entretanto, há consequências óbvias dessa mudança de status. Se todos são sacerdotes e têm acesso a Deus, e todos fazem parte de um mesmo corpo, sendo individualmente um membro ligado ao outro, a vida em comunidade passa a ser uma necessidade. E mais: como sacerdotes, cada membro, mesmo não tendo a mesma função, é necessário para o bom funcionamento e saúde do corpo. Esse é o argumento usado por Paulo na analogia da igreja como Corpo de Cristo em 1 Coríntios 12, ao afirmar que não deve haver divisão no corpo, mas que os membros “cooperem em favor uns dos outros” (25).

Nesse sentido, as igrejas atuais enfrentam dois problemas sérios: primeiro, a centralidade ocupada pelos pastores, bispos ou seja qual for a denominação dada ao líder; e segundo, a acomodação dos membros em abrir mão de seu sacerdócio em prol do sacerdote ordenado.

A centralidade dada aos pastores e/ou líderes tem-se revelado um fato complicador da vida das comunidades. É fato que há líderes que gostam de concentrar o máximo de poder, e uma olhada na proliferação dos chamados ministérios do pastor fulano ou ciclano mostra isso.

Mas há o outro lado desta moeda, em que os membros criam um tipo de hierarquia, em oposição explícita ao sacerdócio universal dos santos, e que coloca o pastor ou líder no topo da pirâmide, seguido dos oficiais eleitos (presbíteros e presbíteras, diáconos e diaconisas), até chegar ao membro “comum”. Até as orações desses líderes é considerada superior! Esse tipo de realidade atenta contra a vida comunitária saudável. Cria pessoas superiores e, por consequência, pessoas inferiores, em confronto claro com a ideia de que, “todos nós, judeus e não judeus, escravos e livres, fomos batizados pelo mesmo Espírito para formar um só corpo” (1Co.12,13).

Além disso, quando um membro abre mão de seu sacerdócio em prol do líder de momento, ele transfere sua responsabilidade como parte do corpo. Ele deixa de exercer sua função e espera que o “iluminado de plantão”, o líder, faça a parte

que lhe cabe. Para usar a analogia de Paulo, ele não quer ser pé e esperar que o líder, que é mão, faça a sua função. É claro que não vai dar certo!

A analogia de Paulo devia ensinar aos membros de igreja e aos pastores que não há ninguém do tipo “sabe-tudo” no corpo de Cristo e que todos precisam de todos. E precisam porque estão ligados individualmente entre si e, como todo, à Cabeça que é Cristo.

Não se pode dizer que a igreja não tenha tentado solucionar esses problemas em tempos recentes. Várias alternativas foram experimentadas. Houve quem adotasse as reuniões em pequenos grupos, normalmente nos lares dos membros, para aproximar as pessoas e integrá-las. Dos pequenos grupos, algumas igrejas adotaram as chamadas células, com liderança própria e até uma “liturgia” (uso as aspas porque não é exatamente uma liturgia, mas apenas um roteiro pré-elaborado).

Sobre essas tentativas, cabem algumas observações. Primeiramente, em igrejas com pequeno número de membros, essas reuniões fora do espaço da igreja não parecem fazer sentido. Melhor seria reunirem-se no espaço da igreja e repensarem o modelo de atividade, como forma de aproximar as pessoas e cultivar a comunhão. Passar mais de uma hora olhando para a nuca do irmão não parece ser uma boa estratégia de promover comunhão! Não modificar a dinâmica das atividades porque “sempre foi feito assim” é se apegar a um tradicionalismo que não cabe mais no tempo presente.

Igrejas que adotaram esse modelo de reuniões menores, nos lares, e mesmo as chamadas células, também encontraram problemas de trajetória. Os mais relatados foram: a ascensão do líder da célula/pequeno grupo ao patamar de iluminado de plantão, como já descrito acima em relação aos pastores; e a dificuldade de mudança de mentalidade dos participantes, que vêem na reunião do pequeno grupo uma atividade social e recreativa, mas sem a aura de uma atividade espiritual da igreja.

A ascensão do líder de pequeno grupo é um risco inevitável, seja ele um oficial eleito ou não. O maior risco em termos de vida comunitária é o de se criar uma igreja dentro da igreja, ou seja, pessoas que se relacionam dentro do pequeno grupo, mas não com os de outros grupos ou com a igreja. Seria necessário pensar em soluções mais amplas, que promovessem a integração e a união entre os pequenos grupos para evitar os “guetos espirituais”.

A dificuldade de mudança de mentalidade de quem participa nas atividades de uma igreja e é direcionado aos pequenos grupos também é uma realidade que necessita reflexão. De fato, mudar de mentalidade é um processo difícil e doloroso, que perpassa a vida de todos os que são chamados a participar da vida comunitária. A tendência mais comum é pensar que quem precisa de mudança são os outros.

Entender que as atividades diárias e aquelas que acontecem em momentos de não-culto também são parte da vida comunitária é uma das maiores dificuldades. A espiritualidade não pode ser reduzida ao momento do culto ou da devocional individual. Precisa ser estendida às outras áreas da vida das pessoas. Se não for assim, corre-se o risco da dicotomia entre o que fazemos para Deus e o que fazemos para as pessoas. E, como ensina Paulo, o que fazemos, devemos fazer de todo o coração, como se estivéssemos servindo o Senhor e não as pessoas (Cl.3,23), porque “se vivemos, é para o Senhor que vivemos (Rm.14,8a).

Para concluir estas provocações, retomamos a pergunta inicial: a vida comunitária vale a pena? Do ponto de vista bíblico-teológico, ela é vital. Existimos em comunhão com os outros e, como corpo, estamos ligados à Cabeça, que é Cristo. Não entendermos que nossa conexão com a Cabeça passa pela conexão com o outro é desvirtuar a comunhão para um individualismo que não tem fundamento no ensino de Jesus.

Para que aconteça, a vida comunitária passa, necessariamente, pela compreensão de que todos são iguais diante de Deus. Não há homens, mulheres, judeus, não judeus, escravos, livres, brancos, amarelos, negros, ricos, pobres, velhos, crianças. Seja qual for a classificação que se faça das pessoas, todos são iguais diante de Deus. E que fique claro: não há diferenciação porque todos foram chamados para fazer parte do mesmo corpo e ninguém pode atribuir a si mesmo esse direito. Por isso não se pode olhar para o outro senão como um igual. Mesmos privilégios, mesmas responsabilidades.

A forma para alcançar a comunhão na vida comunitária está em aberto, ou seja, precisa ser construída comunitariamente. Não há fórmulas prontas. Não há modelos infalíveis. Independentemente da forma escolhida, haverá percalços. Haverá necessidade de adaptações e correções. Haverá o perigo do estrelismo e da concentração de poder. E, quando isso acontecer, é preciso voltar para o parágrafo anterior e notar a real condição de cada um que foi feito membro do corpo de Cristo pelo próprio Deus.

A vida comunitária vale a pena sim. É trabalhosa e exigente, mas é a forma de Deus para nos integrar na vida de Cristo.

Reinaldo Olecio Aguiar é bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Sul Americana (FTSA), mestre e doutor em Ciências da Religião pela UMESP) e pós-doutor em Antropologia Social pela UFSCar. Atualmente é pastor da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória (ES).

Protestantismo em Perspectiva

Reinaldo Olecio Aguiar
Francisco Benedito Leite
(Orgs.)



PRÉ-VENDA

Protestantismo em Perspectiva é uma obra composta por treze ensaios de vários autores, sobre elementos característicos da prática teológica da Igreja Presbiteriana Unida (IPU), os quais são distintivos de sua identidade reformada e ecumênica desde sua fundação em 1978. Parte dos ensaios foram primeiramente apresentados como palestras no evento comemorativo de quarenta anos da IPU em 2018. Os outros textos, no entanto, foram redigidos especialmente para compor esse livro, e tratam de assuntos igualmente importantes para a caracterização da teologia ecumênica e progressista da IPU, e que não tinham sido contemplados nas palestras.

Acesse: reinaldoolecio.com

PASTORAL: Deus de amor e não um deus de consumidores

Um deus que realiza sonhos de consumo, este tem sido o tema central das pregações de muitos líderes religiosos da atualidade. O deus que concede prosperidade financeira aos que prostrados o adoram, "dez vezes mais receberás, se fores fiel no dízimo e nas ofertas", proclamam os arautos do deus que realiza desejos.

Tais arautos pregam sobre o poder desse deus, porém a natureza desse poder é terrena, mundana, é o poder para consumir. Os seus arautos dizem que quem satisfizer a esse deus poderá testemunhar os seus feitos. Estes consumidores são o melhor marketing desse deus, seus testemunhos seguem o melhor estilo do antes e do depois, também utilizado por métodos de emagrecimento, dietas milagrosas e coisas do gênero. Mas o deus dos consumidores põe tudo isto no chão, é somente lhe ser fiel.

Escapar das chamas do inferno ou herdar um paraíso celestial coisa nenhuma, esse deus concede o apartamento, carro e viagens dos sonhos, um céu na terra e a libertação do inferno de não poder consumir.

Esta lógica religiosa mercadológica transforma o Ser que transcende e que deveria ser o fim último em intermediário, um meio para se alcançar os fins desejados. No passado, buscava-se a Deus para escapar do inferno e ganhar o céu, hoje ele é buscado para se escapar das aflições desta vida e se obter os benefícios desta vida. Em ambas as buscas, Deus foi transformado em ídolo, rebaixado a condição de meio para se alcançar um fim. Um ídolo porque em ambas as posturas o que se deseja foi elevado a condição de Deus. O céu ou a realização dos sonhos de consumo são fins penúltimos elevados a condição de fins últimos, divinizados.

O conceito de redenção/salvação foi reduzido outrora em escape de penas eternas, hoje em poder realizar sonhos de consumo.

No evangelho, Jesus nos apresenta a redenção como sermos reconduzidos a Deus, termos a imagem de Deus em nós restaurada, sermos iguais a Ele, o que veio nos mostrar como sermos humanos. A redenção é a restauração da nossa humanidade.

Deus é amor e nos ensina a amar uns aos outros como sinal de sua presença em nós. O amor é o caminho para o relacionamento com Deus e um

com os outros. E não uma lógica utilitarista de benefícios e malefícios, algo do tipo, sirvo a Deus para obter seus benefícios ou escapar de seus malefícios. Isto nos afasta da noção de graça, que nos ensina que Deus nos ama gratuitamente, não há o que ser feito, somente aceitar o seu amor e ser constringido a amar e isto não para obter favores, mas porque o amor nos torna iguais a Deus.



Mas e a ira divina e o inferno? Alguém pode perguntar. Sim, são símbolos do que fazemos a nós mesmos. Desumanizamos-nos e construímos o nosso próprio inferno, porque ao perder a nossa humanidade nos afastamos de Deus. A ira divina assim compreendida é a indignação divina contra tudo que nos tornamos ao nos desumanizar.

Jesus veio nos revelar Deus, fazer-nos enxergar que não precisamos o transformar em alguém que resolve os nossos problemas ou que realiza os nossos sonhos. Deus enquanto fim último nos auxilia no entendimento de que podemos enfrentar este mundo tumultuado e repleto de dor e sofrimento com dignidade, sem nos desumanizar e elevar as coisas deste mundo, sejam os benefícios ou os malefícios, a condição de divindades. "No mundo tereis aflições, tende bom ânimo, eu venci o mundo", disse Jesus. Que isto nos lembre que nesta existência ninguém está imune a perdas e derrotas e quando isto acontece não significa que somos amaldiçoados e abençoados quando não acontece. Esta vida nos oferece a oportunidade de transcender, ir além, e imersos nela sermos empáticos com quem nos cerca, amar a Deus e aos outros.

Igreja, lar das minorias



A função da igreja é ecoar a Boa nova de Cristo na história e na sociedade. Uma única função, da qual falhamos miseravelmente. Para tentar entender o por quê de nossa falha, recorro a São Paulo apóstolo, que escrevendo aos Romanos faz o seguinte alerta: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento." (Rm 12,2 ARC)

Quem teve formação religiosa puritana-pietista, provavelmente associa (ou associou por muitos anos) "mundo" a práticas individuais de ordem moral (beber, fumar, dançar, transar, etc...) as quais o crente deve se opor. Coando estes mosquitos, a Igreja acredita que cumpre seu relevante papel na sociedade, mas sem dar-se conta dos camelos do racismo, da subjugação da mulher, da marginalização dos LGBT's e das injustiças socioeconômicas que ela engole. Esta concepção moralista e limitada de "mundo" está na base da nossa falha enquanto Igreja de Cristo, pois reduz "mundo" a algo que podemos vencer individualmente.

Mas o "mundo" é mais sutil, ele é um sistema de crenças e valores em que estamos completamente submersos e que orienta a nossa ação na sociedade desde que nascemos. Com ele aprendemos: individualismo, ódio, ganância, egoísmo, competitividade, vingança, meritocracia... e pensando bem, nós estamos bem conformados com ele. Mais do que conformada, a Igreja está confortável com o "mundo", pois diviniza seu sistema econômico e naturaliza seus valores, desconsiderando que o Evangelho de Cristo vai na direção oposta.

Na periferia do mundo, na periferia da periferia, em uma cidadezinha chamada Nazaré, certamente com muitas pessoas marginalizadas pelos poderes políticos, econômicos e religiosos, Jesus anuncia: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele

me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor." (Lucas 4:18,19, NVI)

A Boa Nova nos ensina solidariedade, inclusão, empatia e senso de justiça. Nosso desafio diário é romper com a lógica do "mundo" que está impregnada em nosso ser e faz parte da nossa natureza, e transformá-lo pela renovação da nossa mente, a partir da Boa Nova.

André Biéler, sintetizando o pensamento social de Calvino diz:

Vemos, pois, que a presença fiel da igreja é indispensável para a vida da sociedade, em todas as suas dimensões. Ela é o fermento regenerador da vida social, política e econômica. E se a igreja é morta, se ela não chega a ser a comunidade dos membros do corpo de Cristo, se sua presença não imprime à sociedade total o impulso de sua própria e constante regeneração pela Palavra de Deus, então, ela mesma participa na propagação da desordem social. (2009, p. 24)

Para o reformador, a Igreja deve ser o fermento regenerador da sociedade, de modo que uma Igreja capturada pelo *status quo* se torna corresponsável pela desordem social. Com exceção dos primeiros trezentos anos da Igreja cristã na história, em que a Igreja era pobre, marginal, periférica e solidária, desde 380 d.C. quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, a igreja tem sido igreja das majorias, confortável com o poder e conformada ao *status quo*. O problema é que uma igreja conformada ao *status quo* não consegue ao mesmo tempo ser fermento da sociedade, pois como disse Jesus, não se pode servir a dois senhores.

Como a Igreja pode anunciar a boa nova aos pobres e ao mesmo tempo ser conivente com o sistema que promove a pobreza? Como ela pode proclamar liberdade aos presos sem causar desconforto em quem promove o encarceramento em massa? Como ela pode proclamar a recuperação de dignidade a quem não tem dignidade, sem amar e sem incluir em suas fileiras aqueles e aquelas que são marginalizados pela sociedade?

Chego a pensar que a própria igreja cristã brasileira é o nosso principal campo missionário. Há muito a se desaprender. Proponho que o nosso *desaprendizado* comece por abdicarmos ser igreja das maiorias, abdicarmos a busca por prestígio e poder, abdicarmos o conforto do *status quo*, abdicarmos os discursos totalitários, abdicarmos o crescimento institucional enquanto conquista, subjugação do diferente e hegemonização de um discurso, tão bem expressos nas canções bélicas entoadas em muitas igrejas.

Nossa vocação é ser lar dos marginalizados, da população LGBTQ+, dos *desigrejados* e todos/todas que não encontraram espaço de acolhimento em suas trajetórias. A proclamação da Boa Nova de Cristo se expressa quando lutamos pela igualdade de gênero, pelo respeito à diversidade, contra o pecado do racismo e contra as injustiças

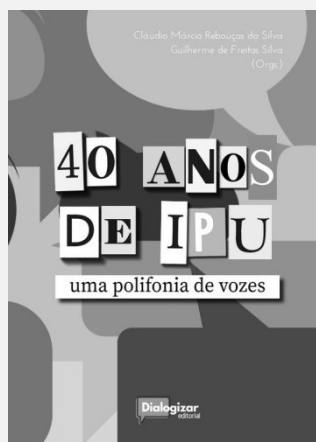
socioeconômicas. Como nos dizem os teólogos da proscricção, isto não nos conferirá nenhum prestígio, poder ou benefício, conforme a lógica do “mundo”, mas consiste somente em um ato de fé e absoluta gratuidade.

Referências

BIÉLER, André. O humanismo social de Calvino. Pendão Real, 2009.

KOINONIA. Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção. Paulinas, 1996.

Guilherme de Freitas Silva é seminarista da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, acadêmico de Teologia na Faculdade Unida de Vitória e psicólogo pela PUC Minas.



40 anos de IPU: uma polifonia de vozes. Qual o eco das vozes do passado na IPU atual? O que dizem as vozes do presente sobre a IPU? Como as vozes do passado e as vozes do presente se articulam na construção da nossa igreja? Tendo em mente essas questões, o Rev. Cláudio Rebouças fez uma série de entrevistas que agora se tornaram livro.

68 páginas
Dialogizar Editorial

Preço: R\$ 20,00
Vendas: dialogizar@gmail.com

Bate-papo com o Pastor Simões

Tivemos um bate-papo muito interessante com o Pastor Simões sobre igreja e teologia. Simões atua na Igreja Simples, uma comunidade de fé sem templo e que se reúne em uma praça na cidade de Fortaleza/CE. Nas eleições de 2018 foi o único candidato negro a disputar o senado pelo estado do Ceará, obtendo 150.644 votos válidos. Confira na próxima página...



Bate-papo sobre Igreja e Teologia com o Pastor Simões

Faça uma breve apresentação, para que os leitores da REFORMATA conheçam um pouco sobre você.

Sou Jamieson Simões, estudei no Seminário Teológico de Fortaleza e fui ordenado pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Durante a minha caminhada institucional fui presidente do Sínodo Setentrional que vai do Acre à Fortaleza e abrange a região norte e nordeste. Trabalhei em organizações não governamentais como Visão Mundial, Diaconia, sou consultor da UNICEF, me tornei pesquisador e sempre busquei fazer um tensionamento da igreja institucional com a vida real das pessoas, com a falta concreta na vida das pessoas, pessoas em situação de rua, pessoas aprisionadas, adolescentes em conflito com a lei [...] Muito recentemente eu fiz uma opção pela disputa político-partidária como homem negro, como corpo que ocupa a periferia do sistema mundo. O que tem me pautado nesses espaços é uma compreensão profunda e radical de que o cristão tem uma contribuição de solidariedade, justiça e equidade para que o mundo seja diferente, compreensão que é muito arraigada na pessoa de Jesus de Nazaré e que me impulsiona a me posicionar politicamente e eticamente no mundo. Essa ética tem um rosto, ela tem uma opção, ela faz uma visita aos corpos circunscritos. A minha fé busca os territórios que são um não-lugar, frequentado por pessoas que não são consideradas gente.

Como você enxerga a Igreja institucional e o papel da Igreja na sociedade atual?

A igreja institucionalizada tem um papel muito importante, porque ela é um agente público, um agente político. Por exemplo, na história recente do Brasil, a Igreja tem tomado rumos e posições, como tomou posições no período da ditadura militar no Brasil, ela fez a opção de apoiar determinados projetos políticos. Agora, esse papel não pode ser desempenhado somente a partir do ponto de vista político de quem dirige a igreja. A Igreja, mesmo institucionalizada, deve cumprir um papel de Reino, de disputa de narrativas e deve ser regida pelos valores evangélicos. Essa é a relevância da igreja, para o mal e para o bem.

Me lembro que há alguns anos existia a Fábrica de Esperança com o Caio Fábio, que era um movimento progressista evangélico muito pungente, com produção de material, produção intelectual, teológica, com papel político e também

com relevância na sociedade... Gente que queria erradicar a fome e fez isso através da Igreja institucional. Esse é um foi um movimento que eu consigo lembrar em que a igreja tomou posição e disse “nós queremos assumir um compromisso de erradicar a fome...”. Mas há também outro movimento: nas eleições a Igreja sempre se esconde atrás do “fantasma comunista”, plantado na ditadura militar, muito influenciado pela política norte-americana. A Igreja se presta a um papel subalterno [...] e essa é a grande disputa e dilema da igreja. A institucionalidade vai servir a quem? Ela vai usar essa institucionalidade para aferir benesses para a própria instituição ou ela vai utilizar da institucionalidade como papel profético? Nesse dilema eu acho que nós temos perdido o papel profético.

Uma questão que eu acho que a igreja institucional precisa a se colocar de maneira muito contundente é contra as violências diversas. Você imagina que uma igreja de matriz neopentecostal tem um canal de televisão para o Brasil inteiro (um canal de televisão é uma permissão pública), e ela utiliza esse poder para pregar em sua programação que os demônios que lá se manifestam no corpo das pessoas, têm o nome dos orixás, das divindades africanas. A gente devia ter se rebelado contra isso lá trás, mas a gente não teve essa capacidade de indignação, de forma que o neopentecostalismo se tornou um câncer antidemocrático [...] e anti Reino. Nesse sentido eu acho que a Igreja devia ter se colocado numa posição profética, [...] nós toleramos o que há de pior no cristianismo ocidental, que é o neopentecostalismo e os desdobramentos disto é aumento da fragilidade da nossa democracia.

Fale um pouco sobre a Igreja Simples. Ela é uma ideia sua?

A Igreja Simples não é uma ideia minha, foi ideia de um grupo de pastores. A gente conversava sobre isso com a seguinte premissa: “se você fosse começar agora, como você faria o seu ministério?” Isto foi dando “pano pra manga”, as pessoas foram refletindo sobre isso, então decidimos não ter uma igreja com prédio, então a gente não gasta dinheiro com a estrutura, nós não gastamos energia para decidir quem vai tocar, se vai tocar guitarra, bateria, nós não gastamos energia com a conta do ar-condicionado, nós não gastamos energia com segurança (cerca elétrica e sistema de segurança para proteger patrimônio). Então isso

nos dá uma vantagem de mobilidade de alcance muito maior do que uma igreja comum. Foi isto que moveu a gente, decidimos gastar energia com as pessoas, mas isto tem limitações, claro. Mas a ideia não é nossa, não é inovador, um monte de gente já fez isto ao redor do mundo, mas nós decidimos fazer isto na capital do Ceará, que é uma cidade extremamente desigual, com problemas crônicos de desigualdades socioeconômicas e espaciais, com facções criminosas dominando as periferias todas, mas mesmo assim a gente prefere estar reunido na praça disputando o espaço publico e olhando as pessoas nos olhos. Tem reunião que dá cinquenta pessoas, tem reunião que dá vinte, tem reunião que dá oitenta, tem culto que só vem um morador de rua e vem porque quer lanchar ali depois e está tudo bem... estamos ali para servir. Nosso espírito está voltado para o serviço, para o acolhimento, para a redução de danos para quem tem problemas com a drogadição, então é uma igreja muito próxima das pessoas. É assim que a gente se posiciona no mundo, mas nós não somos exclusivos, tem outras ideias muito melhores que a nossa, inclusive aqui no Brasil tem a Igreja do Viaduto em Recife. As pessoas estão pensando outras formas de ser igreja, de serem mais leves e pensar para além das estruturas, do acúmulo de poder, do acúmulo de patrimônio que as igrejas tem feito no decorrer de suas histórias [...]

Você vislumbra outras formas de ser Igreja na contemporaneidade?

Por conta do meu trabalho como assessor do Comitê Estadual pela prevenção de homicídios na adolescência e também como consultor da UNICEF para a infância e adolescência, eu ando por muitos lugares, viajo muito, conheço muita gente e converso com muita gente. Eu acho que [...] os *desigrejados*, na verdade são uma expressão da própria Igreja. É expressão de uma Igreja que cansou da estrutura dogmática, das liturgias sem sentido, que cansou do clericalismo, que cansou dessas figuras de autoridade abusivas. Eu escuto muito as pessoas dizerem: “eu era da igreja e saí, mas eu sinto tanta falta da comunhão...” Eu acho que o que nós chamamos de *desigrejados* na verdade é uma outra forma de ser igreja que ainda não rompeu com o velho porque tem saudade daquela formação, e o novo ainda não chegou. Eu acho que ser *desigrejado* hoje é um novo jeito de ser Igreja, com todas as limitações que isto tem. Você pode questionar que não há comunhão. De fato, a pessoa não tem mais comunhão com aquele grupo, mas com que grupos ela se relaciona? Com que grupos ela alimenta a espiritualidade? Com que grupos ela se nutre espiritualmente? Eu acho

que é uma questão para a gente pensar porque a gente também dá respostas muito rápidas para problemas que são complexos. Por que tanta gente saiu da igreja? Por que tanta gente cansou na igreja? Por que tanta gente preferiu se abandonar no mar de incerteza do que ficar na certeza do velho modelo? Então eu acho que os *desigrejados* são um sinal de uma Igreja que ainda não nasceu, mas que definitivamente não é a igreja atual.

Para finalizar, fale um pouco dos seus referenciais teóricos e teológicos.

Eu fui formado teologicamente em uma matriz muito boa, que é a teologia reformada, com todos os limites que uma teologia reformada possa ter (eurocêntrica, que não dialoga com a diversidade, que não dialoga com os povos indígenas, com os negros), mas ainda assim é uma boa teologia porque possibilita pensar a ação do homem a partir de Deus. [...] Mas eu tenho pensado muito e revisitado as minhas bases teológicas olhando muito para a África, para a questão de Deus e a questão de como o tempo é entendido na cultura e religião Iorubá. Muitas das pontes que achamos ser judaico-cristãs, na verdade bebem da teologia e da cosmogonia africana, então precisamos ter cuidado e honestidade teológica de mergulhar mais profundo. [...] Hoje a gente tem muitas fontes de pesquisa e consegue encontrar o território africano como inspirador. Não é à toa que a Igreja da Etiópia ficou submersa tanto tempo ali e hoje a gente conhece o esplendor e a pungência dessa teologia.

Falando em Teologia negra no Brasil, não podemos deixar de citar o Ronilso Pacheco, a Débora, o Marco Davi... Tem os meninos do Movimento Fé e Política aqui do Recife pensando teologicamente e que bebem de uma teologia reformada, mas traduzindo esse anseio reformado para as questões profundas dos seres humanos aqui do Brasil, em especial do corpo e do ser humano periférico. A falta concreta na vida das pessoas exige que a gente não fique nesse porvir, nessa escatologia que não diz nada para nós hoje, não diz nada para os corpos periféricos, não diz nada para o menino que está sem esperança, não diz nada para a menina que é assassinada... O homicídio de meninas aqui foi o maior da história do Norte Nordeste e a teologia precisa responder a isto, não dá pra responder jogando para o futuro, para uma escatologia “pé na cova”. A gente precisa garantir e arrancar esperança nesse horizonte tão obscuro, e é isto que a atualização teológica negra se propõe: repensar o mundo, repensar a teologia [...] fazendo uma leitura a partir das lentes africanas de tempo, de mundo e cosmogonia.

O Amor Dialogal como Missão

O Messias é o Senhor da Igreja. Ao longo da história Deus sempre se mostrou por meio dos humanos, do povo pecador, da *imago Dei* fragilizada pela falha da desobediência e rebelião contra Ele. Compreendendo que a igreja de Jesus de Nazaré faça parte desta história, contada pelas próprias testemunhas. Proponho uma breve reflexão diante desta pergunta: O que a Igreja de Jesus tem a oferecer ao mundo?

Deus escolheu por meio de seu povo cumprir a missão de espalhar a esperança de transformação de toda a criação, em toda a sua amplitude, primeiro da forma como lidamos com o transcendente, conosco, com o outro e até as nossas relações com a natureza devem ser revistas pela ótica da fé cristã de cooperação e amor. A partir da encarnação de Cristo, segundo Christopher J. H. Wright, nota-se “a presença inaugurada do reino de Deus e o próprio modelo e princípio encarnacional”. Isto significa que Deus escolheu uma forma clara e objetiva de se revelar a humanidade, Deus se fez carne! Se fez gente e andou entre nós. Mostrou um modelo prático de se cumprir com os propósitos de Deus. A Encarnação demonstra aos discípulos de Jesus como eles devem agir no mundo: construindo algo com o outro. Por excelência Cristo se “esforça” a ensinar que no reino de Deus, nada se é feito só. Quão valiosa é essa premissa. Não podemos como Igreja de Jesus de Nazaré, agir por interesses que não sejam do coletivo. Toda comunidade de fé deve carregar este valor como um recém-pai carrega um bebê de colo, como se precisasse sempre de manter aquele cheiro do neném que acabara de nascer mesmo estando longe. Assim, o entendimento do discípulo de Jesus perpassará pela vida do outro, pela alegria de andar com quem partilha o pão, com quem entendeu a importância de que ao cuidar do outro está cuidando do Senhor. Sob a ótica de Cristo, a caminhada eclesial não será pautada por egocentrismo e individualismo. O fator triunfante será o diálogo e para se dialogar é preciso saber ouvir.

Cristo trabalhou questões normativas, por exemplo: “Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19), outras como: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e [...] o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (Mc 12.30-31). As normativas são lembradas com

maior facilidade, mas como devemos cumprir com estes mandamentos?

Far-se-á um esforço para a cosmovisão cristã propositalmente se posicionar na percepção da escuta/dialogo. Assim, tanto coletivo como indivíduo, não sairá sem o comprometimento devido a obra de Deus. A Igreja pode ser analisada pelos vieses do indivíduo ao coletivo e do coletivo ao indivíduo, são vias que transitam entre si. Embora exista um começo pela fé pessoal, o propósito último é coletivo. As escrituras apontam para uma realidade escatológica: a nova Jerusalém será uma cidade totalmente harmônica, uma engrenagem perfeita.

A necessidade de diálogo/escuta traz à tona conceitos como justiça, esperança e amor, propiciando o comprometimento coletivo/pessoal com as realidades que permeiam as comunidades de fé. O chamado de Cristo deve ser encarado com franqueza, espiritualidade sadia e aberta ao diferente. É a partir do diálogo que surgirão propostas consistes dos irmãos e irmãs que aguardam ouvir e ver Jesus de Nazaré mudar suas vidas, seus locais de trabalhos, seus sofrimentos, seus mundos.

Portanto, não podemos separar Deus da nossa responsabilidade com o mundo. Essa lição do evangelho consiste em sermos através do amor uma comunidade de fé esbanjando esperança, boas obras, corações cativantes, vivendo uma experiência de sentido na partilha da vida, indicando quem é nosso salvador. Qual a contribuição da igreja para o mundo? O que ela tem a oferecer? Ela tem uma proposta pública para as realidades que as cercam. A igreja transcende toda barreira imposta para barrar a construção da justiça, da esperança por intermédio do amor dialogal. Segundo Roberto Zwetsch em seu artigo publicado no livro *Teologia Prática no contexto da América latina*, “a igreja não pode existir sem olhar para o mundo com os olhos de Deus. Ela não consegue deixar de questionar os principais problemas que afligem a humanidade (pobreza, discriminação, fome, violência, guerra).” Para Zwinglio Dias “só o amor e a justiça permitem a plena realização da humanidade. Somente a convivência com os demais é que nos salva, isto é, preenche de sentido e razão nossa existência.”